

Por que substituí o intelecto pela vontade pessoal

Desde menino, desenvolvi um gosto pelo intelecto que me acompanhou por toda minha adolescência e vida adulta, o que é uma espécie de padrão na vida das pessoas ainda hoje. Isso ocorreu até minhas crises emocionais que me forçaram a ter de me voltar para mim, estimulando-me a buscar um novo caminho, o da valorização da vontade individual.

Intelecto e vontade são coisas opostas? Pela minha experiência, digo que, na maior parte das vezes, sim. Enquanto a vontade é a gente mesmo cem por cento, com nossos desejos, prazer, buscas pessoais, interesses e necessidades, o intelecto é, na realidade, um juízo moral sobre nossa vida, geralmente limitando-a; é a vontade-pensamento do outro sobre nós; é controle, cultura e tudo o que representa o exterior agindo sobre nós.

Quando estamos pensando, tendemos a achar que somos nós que estamos em um diálogo conosco. Mas, não. Isso é o outro na nossa cabeça, com suas normas, valores, grilos, dúvidas e medos lançados sobre nós, desde a infância, algo que se torna uma espécie de programa de computador em nossa mente. Na realidade, o que ilumina o nosso caminho é o discernimento, o verdadeiro guia, que acalma, mostra as coisas como são, e serve de ferramenta de análise que gera o entendimento necessário para passarmos à ação.

A vontade pessoal é o motor da nossa vida. É o que nos estimula a levantar cada manhã para ir à busca de nossos objetivos. Toda vez que a desprezamos, desprezamos a nós próprios. E fazemos isso, sempre que passamos a intelectualizar nossos interesses, para ver se o que temos vontade de fazer não vai contra a cultura, contra as pessoas, contra os valores sociais, o Estado e a moral social.

Como temos uma cultura da intelectualidade, tendemos a colocar a lógica na frente da vontade. Assim, trabalhamos em uma coisa, porque, por uma série de justificativas mentais, isso é melhor; não porque queremos. Comemos certos alimentos porque a ciência, os médicos, nutricionistas e os programas de televisão afirmam que são bons, e deixamos de comer apenas os alimentos que temos vontade.

A vida motivada pelo intelecto é complexa; já, a motivada pela vontade é simples. Enquanto a primeira se baseia na lógica, no pensamento, na cultura, no certo e errado, nos paradigmas, no acúmulo de saber social (tudo que vem dos outros), a segunda é apenas o nosso íntimo nos impulsionando à ação.

Talvez a razão de a vida intelectualizada ser a majoritariamente cultivada, pelo menos na maior parte do tempo, se deva ao fato de que, agindo assim, temos a sensação de que estamos fazendo o que os outros disseram que é

certo (e não queremos errar sozinhos); também tem a ver com o fato de que temos uma cultura de renúncia pessoal em detrimento do bem social e do interesse do outro; outra razão está ligada ao fato de que valorizamos a autoridade por oposição aos nossos desejos, o que vem desde a primeira infância.

A questão é que uma vida baseada no intelecto, por minha experiência, é perturbadora, causa medo, dúvidas, insegurança e isso simplesmente porque está apoiada em tudo o que está fora de nós. A vida baseada na vontade individual, apoiada no discernimento pessoal, acalma, permite realização, produz aceitação, fé e dá algum sentido de vida. Quando percebi isso, decidi que minha vontade individual seria o motor da minha vida, e não mais o intelecto.

Noé Amós Guieiro é professor e escritor. Fundador do Instituto Liberdade Individual, é o apresentador do canal que leva seu nome e autor de inúmeros livros publicados na Amazon.

www.institutoliberalidadeindividual.com